

Humanização: uma proposta salvífica à cultura pós-moderna

Humanization: a saving proposal to the postmodern culture

Eduardo dos Santos de Oliveira *

Andrei Luiz da Silva Rosca **

Resumo

Atualmente, encontramos muitos elementos já cristalizados na cultura pelo seu uso corrente, os quais propagam-se entre as pessoas, formando sua mentalidade. Como exemplo, citamos: individualismo, hedonismo e indiferentismo, cada qual propondo alternativas de salvação ao ser humano. Esta comunicação pretende dialogar com a sociedade atual, a fim de superar possíveis tensões dicotômicas entre a cultura pós-moderna e a teologia bíblica. Para tanto, destacaremos alguns elementos que compõem a forma de pensar e do agir no mundo, reinantes na cultura contemporânea. Também nos aproximaremos do modelo de humanidade assumido por Jesus, no primeiro anúncio da paixão em Marcos (8,31), o qual humaniza as pessoas. Nele, Jesus assume como vontade divina (e salvífica, portanto) o sofrimento, a rejeição, a morte e a ressurreição. Contrapondo essas duas dinâmicas, queremos repropor ao ser humano pós-moderno, compactuante de um projeto tornado cultura, a alternativa de salvação bíblica, entendida como humanização.

Palavras-chave: Humanização. Cultura pós-moderna. Salvação.

Abstract

Currently we encounter many elements, already crystalized in the culture by their common use, which are propagated among the people forming their mentality. As examples we cite: individualism, hedonism and being indifferent. Each one of them proposes alternatives of salvation for the human being. This communication intends to dialog with the current society so as to overcome possible dichotomous tensions between the postmodern culture and biblical theology. To this end we highlight some elements which make up the way of thinking and of acting in the world which are dominant in contemporaneous culture. We also will approach the model of humanity assumed by Jesus in the first announcement of the passion in Mark (8:31) which humanizes people. In it Jesus takes on as divine will (and therefore salvific) the suffering, rejection, death and the resurrection. As a counterpoint to these two dynamics we wish to purpose to the postmodern human being who is participant

* Mestrando em Teologia na Faculdades EST, na área de concentração *Bíblia*; Bolsista da Capes; e-mail: pe.eduardo.oliveira@gmail.com

** Mestrando em Teologia na PUC/RS, na área de concentração *Teologia Sistemática*; Bolsista da Capes; e-mail: frater_andrei@hotmail.com

of a project which has become culture, the alternative of the biblical salvation understood as humanization.

Keywords: Humanization. Salvation. Postmodern culture.

Considerações Iniciais

O ser humano, sempre procurou sua realização. Em cada tempo, na história humana, isso foi perseguido de maneiras diferentes e deram-se nomes diferentes a esse ideal. A modernidade, em defesa da autonomia do ser humano, delineou um projeto no qual o ser humano tornar-se-ia livre. Mas, a pós-modernidade traz novo caos, derivado de outro modo de pensar, tirando as certezas e valores, que eram referência outrora. Nosso artigo pretende lançar diálogo entre a sociedade contemporânea e a proposta bíblica, que pretende libertar o ser humano dessa forma egoísta de pensar. Para isso, delinearemos algumas características da cultura atual (1); depois iremos nos aproximar do ideal proposto pelo Jesus de Mc 8,31 (2); e, enfim, atualizaremos a proposta bíblica para nosso tempo (3).

A compreensão pragmática de salvação na cultura contemporânea

No Documento de Aparecida, a sociedade contemporânea foi diagnosticada em meio a uma mudança de época, no seu nível mais profundo, o cultural,¹ dada a crise da modernidade, da razão técnica-instrumental e do seu projeto histórico. Trata-se de uma nova época que observadores e sociólogos preferem nomear diversamente: modernidade avançada (Libanio), modernidade pós-cristã (Vaz), radicalização da modernidade (Giddens e Beck), capitalismo tardio (Jamesson), ultra-modernidade (Morin), era do vazio (Lypovetsky), era do simulacro (Baudrillard), fim da história (Fukuyama), modernidade líquida (Bauman), época da virada (McLaren)... Embora distintas entre si, trazem elementos análogos, pois tentam traduzir e sintetizar a falência social da cultura moderna. Há, ao menos, uma certeza:

as correntes de pensamento que fazem referência à pós-modernidade merecem adequada atenção. Segundo algumas delas, de fato, o tempo das certezas teria irremediavelmente passado, o homem deveria finalmente aprender a viver num horizonte de ausência total de sentido, sob o signo do provisório e do efêmero. Muitos autores, na sua crítica demolidora de toda a certeza e ignorando as devidas distinções, contestam inclusivamente as certezas da fé.²

¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe : 13-31 de maio de 2007. Brasília, DF: Edições CNBB, São Paulo, SP: Paulus, Paulinas, 2007. nº 44.

² JOÃO PAULO II. Carta Encíclica sobre as relações entre fé e razão. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999. nº 91.

No cenário contemporâneo, a pós-modernidade descortina uma espécie de “nova colonização cultural”,³ decorrente da radicalidade com que os critérios socioculturais e antropológicos são alterados, transformados e falsificados. Um novo projeto civilizacional é delineado, e, sob as sombras de fenômenos pós-modernos, reivindica para si alternativas de salvação, assumidas sob o ícone da autorrealização. Entre os mais evidentes e impactantes fenômenos pós-modernos há (a) o individualismo, (b) o hedonismo e (c) o indiferentismo – cada qual propondo, por seus meios e métodos, vias soteriológicas alternativas reduzidas às ambíguas contingências temporais, marcadas pelo *materialismo da vida*.⁴

a) *O individualismo* é uma das ambiguidades de nosso tempo. Com o advento da modernidade, gerou um gradativo processo de individuação. “Consciência individual”, “liberdade de consciência e religiosa”, “livre-arbítrio” foram conquistas. Suas implicações, contudo, criaram ambiguidades e riscos: as incidências do individualismo esvaziaram o humano, demasiado humano, da dimensão transcendental. O individualismo marca novo tipo de comportamento perante o mundo, o outro, a si mesmo e Deus. O ser humano alforriou-se de Deus. A subjetividade individual torna-se lugar de sua própria salvação.

b) *O hedonismo* pós-moderno, fantasiado de livre escolha, equaciona salvação e autorrealização: busca-se qualidade de vida, não a substituição desta por outra. A salvação é totalmente secularizada. Tudo gravita em torno do indivíduo e de seus anseios. Vive-se mais de buscas do que de sínteses: busca-se uma série de sensações novas e excitantes, a curto prazo. No cenário hedonista, a salvação torna-se artefato da engenharia humana: salvação é autorrealização, que passa pelo sonho de felicidade, pelo desejo de uma vida boa, pela necessidade de ver atestado o valor e o sentido da existência humana.

c) *O indiferentismo* pode assumir feições religiosas. O caminho para a salvação seria encontrado por qualquer religião, sem preocupação com os conteúdos mais autênticos da fé, necessários para salvação humana, desejada por Deus. E não só! Desse contexto, emana uma mentalidade apática tornada cultura do indiferente: vale somente aquilo que é eficaz “aqui e agora”. Não há preocupação com as outras pessoas.

O primeiro anúncio da paixão em Marcos: outra compreensão de salvação

De modo diverso à cultura pós-moderna, Jesus entendia a salvação humana não como um apelo à autossatisfação, mas, sim, à alteridade, tendo Deus na base dessa opção.

³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007, nº 46.

⁴ MIRANDA, M. *A Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.

Ele assumiu as consequências de suas escolhas com radicalidade. Aqui nos ateremos ao Jesus delineado no primeiro anúncio da paixão no evangelho de Marcos.

Antes de chegarmos ao texto bíblico, devemos contextualizá-lo na obra marcana e buscar pela intencionalidade do redator ao inserir, neste ponto do evangelho, o primeiro anúncio da paixão. Nossa perícopa deve ser lida no contexto do ensinamento de Jesus aos discípulos. O primeiro anúncio da paixão praticamente abre a seção, visto que ela inicia em 8,22 e é concluída em 10,52. No evangelho de Marcos temos, não apenas um, mas três anúncios da paixão, todos inseridos nessa seção, o que significa que eles cadenciam esse ensinamento. Traduzido o texto grego,⁵ chegamos ao seguinte texto em português: “*E começou a ensinar-lhes que era inevitável ao Filho do Homem muito sofrer o mal e ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e ressuscitar depois de três dias!*”. O versículo introduz o ensinamento de Jesus. Este revela a identidade de Jesus. Sem fixar-nos nos detalhes, destacaremos deste anúncio da paixão três aspectos importantes.

a) *É inevitável.* O verbo grego *dei*, no passivo divino, indica o que Jesus está por fazer: a vontade divina. A identidade de Jesus está intimamente ligada a Deus. Para Deus reinar será necessário que Jesus não pense em si ou em proteger sua vida. O Messias que ele encarna “é quem sabe padecer, deixando que lhe façam [padecer], Cristo é aquele que ama gratuitamente, pondo a vida à mercê dos outros, para assim transformá-los”.⁶ O sofrimento, a rejeição e a morte são a forma de Jesus permanecer fiel a Deus. É crer num caminho diverso daquele apontado pela mentalidade predominante a qual indica que salvar-se é pensar primeiramente em si mesmo. É inevitável entregar a vida para Deus reinar!

b) *O Filho do Homem.* Expressão originada no Antigo Testamento, sobretudo em Daniel. Antagonizam: os reinos dos seres humanos e o reino que o Filho do Homem traz.

Ao se contrapor ao bestial império mundial dos babilônios, medos, persas e macedônios o reino do “Filho do homem”, tem-se em mente “o reino humano do homem” que possibilita verdadeiro ser-homem em justiça e paz em toda a parte. Este reino não se desenvolve a partir da sequência dos impérios mundiais, mas irrompe da transcendência na história das lutas humanas pelo poder como algo totalmente novo.⁷

⁵ A BÍBLIA. Novum Testamentum Graece. NESTLÉ, Eberhard et al (Eds.). 28 ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

⁶ PIKASA, Xabier. Evangelho de Marcos: La buena noticia de Jesús. Navarra: Verbo Divino, 2012. p. 600. Tradução nossa.

⁷ MOLTSMANN, Jürgen. O caminho de Jesus: Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia Cristã, 2009. p. 39.

Ou seja, Jesus traz, com a imagem de Filho do Homem, outro reinado. Não o da indiferença, do egoísmo ou do prazer, mas o da alteridade, no qual os seres humanos se humanizam à medida que se doam uns pelos outros. O Filho do Homem é o modelo da nova humanidade, que age segundo o Espírito Santo (cf. 1,8) após ter imergido no ensinamento de Jesus, assumindo nova mentalidade. Aquilo que Jesus estava por assumir (sofrimento, rejeição, morte e ressurreição) sinaliza a nova mentalidade que salva não só dos egoísmos. Ela é capaz de inserir cada um/a numa renovação de vida, na qual Deus reina.

c) *Muito sofrer, padecer o mal, morrer e ressuscitar.* O sofrimento que Jesus assumirá é identificação com os males pelos quais as pessoas passam. A rejeição denota a intolerância à sua atividade. Modos de pensar antagônicos se enfrentam. O mal vencerá, aparentemente. O sofrer muito abarca o mal físico, a rejeição inclui o sofrimento psíquico e a morte é o levar ao extremo tudo isso! Mas a morte não põe fim à trajetória do Filho do Homem, o homem pleno de humanidade. Deus terá a palavra final. Com a esperança de um judeu, o Jesus de Marcos crê na ressurreição. Essa não é pensada, portanto, por Jesus com interesses egoístas e mesquinhos no sentido de praticar a vontade de Deus, a fim de ressuscitar. Sua entrega é gratuita e assume ao extremo todas as opções para Deus reinar.

A superação das propostas atuais por meio da humanização

Após havermos nos aproximado do Jesus de Mc 8,31, temos que nos perguntar: qual a proposta salvífica que o primeiro anúncio da paixão pode comunicar ao homem pós-moderno? Certamente, resulta evidente serem os dois itens deste artigo contrastantes. E isso não apenas por uma questão de temporalidade. Dadas as distâncias temporais, há uma semelhança entre os dois ambientes. Isso porque o que está em jogo é a mentalidade humana, que sempre pensa em si mesma até mesmo quando o assunto é salvação. Tanto no tempo em que Marcos redigiu seu evangelho quanto no nosso, salvar-se é visto como dar-se bem e autopreservar-se. O que mudam são as categorias que articulam a forma de pensar. Considerando que a pós-modernidade articula uma forma de pensar considerada humanista, o que a difere da proposta (e da vida) de Jesus? O Jesus de Mc 8,31 pode nos ajudar.

1) *Converter o individualismo em comunhão com Deus.* Acima já indicamos que um dos erros do projeto da modernidade foi o de ter exagerado no acento posto no sujeito, tornado um individualista sem transcendência. O Jesus de Mc 8,31 tem como princípio de ação praticar a vontade divina. Tudo aquilo por que Jesus passará está em sintonia com Deus.

A vontade salvífica divina que abraça todo o destino de Jesus e que encontra seu auge no *dei* (“é preciso”) dos anúncios da Paixão (cf. Mc 8,31): Jesus segue o projeto salvífico de Deus em livre e espontânea sintonia, renuncia a um autossalvamento (cf. Mc 15,29-32) e se submete dessa maneira ao querer divino.⁸

A entrega de Jesus tem como fundamento o amor pelo Reino. Ele não age de modo individualista ou egoísta, pensando exclusivamente em si. Salvação, para ele, não é salvar a própria pele, mas dar a vida pelos outros. Na doação pelos outros, Deus será o centro de tudo, e qualquer espécie de humanismo, a partir desse prisma, não conduzirá a desvios.

2) *Abrir mão do prazer e assumir o sofrimento, a rejeição e a morte.* O hedonismo coloca todas as esperanças de salvação no imediato e secular. Jesus caminha na contramão dessa maneira de ser. Assim, “a salvação não consiste em que Jesus hoje cure as doenças e dê o pão de cada dia; não se trata de assegurar a vida física contra todo risco de dor e fome”,⁹ apesar de Jesus ter se preocupado especialmente com os mais pobres. Jesus fala de sofrimento, não em nome de um masoquismo ou ódio à vida, mas porque ele necessita ser oferecido a Deus como sinal de confiança n’Ele. “Tampouco se trata de assegurar a nossa fraqueza mental contra o erro ou a psicose”.¹⁰ Com a rejeição advém sofrimento psíquico. Jesus assume isso como forma de perfeita entrega para que Deus reine. A humanização trazida por Jesus abarca um novo modo de relação consigo mesmo/a: é aceitando e assumindo a finitude que os seres humanos serão salvos. A maturidade humana é atingida na medida em que cada um/a aceita suas limitações e oferece-as a Deus.

3) *Pró-existir para superar o indiferentismo.* Na esteira do indiferentismo cada pessoa pensa em si mesma, primordial e essencialmente. Em muitos casos a frieza, própria aos indiferentes, não é uma postura consciente. Em oposição a isso, Jesus dá sua vida em amor à causa do Reinado de Deus e crê na humanidade. Lendo nossa perícopes no conjunto da obra marcana, vemos que “tanto na vida como na morte, ele intercede ‘pelos muitos’, de modo que a pró-existência de Jesus pode ser entendida como categoria-chave soteriológica do Evangelho mais antigo”.¹¹ A salvação humana não se atinge solitariamente, mas somente à medida que a vida for entrega, serviço para os outros! Humanizar-se significa adquirir “a disposição em dar a vida para o bem dos homens, segundo o próprio Filho do Homem, mas

⁸ SCHNELLE, Udo. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Paulus; Santo André (SP): Academia Cristã, 2010. p. 543.

⁹ CALLE, Francisco de la. A teologia de Marcos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 133.

¹⁰ CALLE, 1984, p. 133.

¹¹ SCHNELLE, 2010, p. 544.

sabendo que a perda da vida física não é um fracasso, pois a vida não acaba com a morte”.¹² Ou seja, o Filho do Homem é modelo de ser humano humanizado, que, apesar de sua origem transcendente pode ser seguido pelos seres humanos de todos os tempos.

Considerações Finais

Com base em nossa pesquisa, vimos que tanto o ser humano no tempo do evangelho de Marcos, quanto na atualidade sofre a tentação de pensar em si de forma egoísta. O erro da pós-modernidade, em nome de uma liberdade, foi ter dispensado Deus das categorias que estruturam o mundo e o pensamento. O Jesus de Mc 8,31 nos ajuda a colocar Deus na base das escolhas e opções feitas. É assumir que o ser humano será verdadeiramente livre e salvo quando pensar nos outros e em Deus, agindo em prol deles.

Referências

A BÍBLIA. Novum Testamentum Graece. NESTLE, Eberhard et al (Eds.). 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

CALLE, Francisco de la. A teologia de Marcos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe : 13-31 de maio de 2007. Brasília, DF: Edições CNBB, São Paulo, SP: Paulus, Paulinas, 2007.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica sobre as relações entre fé e razão*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999.

MATEOS, Juan. Marcos 13: el grupo cristiano en la historia. Madrid: Cristandad, 1987.

MIRANDA, M. *A Salvação de Jesus Cristo*: a doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. O caminho de Jesus: Cristologia em dimensões messiânicas. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

PIKASA, Xabier. *Evangelio de Marcos*: La buena noticia de Jesús. Navarra: Verbo Divino, 2012.

SCHNELLE, Udo. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Paulus; Santo André (SP): Academia Cristã, 2010.

¹² MATEOS, Juan. Marcos 13: el grupo cristiano en la historia. Madrid: Cristandad, 1987. p. 526. Tradução nossa.